



# CADERNOS DE FORMAÇÃO - ANEXOS CRITÉRIOS E LINHAS DE AÇÃO

PARA A PASTORAL COM JOVENS E VOCAÇÕES  
NA FAMÍLIA CLARETIANA



Foto de tapa de Ezequiel Takaya CMF | © Kekey  
© familiaclaretiana 2018

---

Estes ANEXOS correspondem às leituras complementares do curso que ajudam a compreender ou aprofundar determinados aspectos do material oferecido no primeiro caderno. A bibliografia citada e os sites da Internet consultados estão detalhados na lista do fascículo sobre os critérios e linhas de ação para a PJV da FC.

---







# MENSAGENS DOS ÚLTIMOS DOIS ENCONTROS DA FAMÍLIA CLARETIANA

## ANEXO 1

## 1. MENSAGEM DA REUNIÃO DA FAMÍLIA CLARETIANA EM MÜHLBERG, ALEMANHA, DEZEMBRO DE 2017

De 5 a 9 de dezembro de 2017, participamos do IX Encontro da Família Claretiana realizado em Mühlberg, Alemanha. O tema do encontro foi "diálogo com a cultura para uma nova evangelização". A partir do espírito com que a vida e os escritos de Claret nos inspiram e provocam, descobrimos a necessidade de nos envolvermos cada vez mais no diálogo com as culturas e, entre elas, a cultura dos jovens. Fazemos isso por meio de nossa presença, contato, testemunho, compaixão, proclamação da Boa Nova, educação, serviço de solidariedade e dando razão de nossa fé. Mas também precisamos de discernimento constante para detectar os valores do Reino que permeiam todas as culturas, especialmente a dos jovens, e para denunciar os elementos que contradizem o Evangelho.

Surge, então, o compromisso de cuidar e crescer em atitudes que facilitem o encontro e o diálogo com todos e com todas as culturas. As atitudes mais importantes são as seguintes:

1. No estilo de Claret, cultivar o ardor da missão evangelizadora como centro da vida da Família Claretiana.
2. Escutar e olhar a realidade a partir de Deus.
3. Valorizar a comunicação de sua própria experiência de fé e fraternidade como instrumento de diálogo.
4. Colocar a Palavra no centro e cuidar da experiência de Deus que ilumina a vida.
5. Contribuir para a renovação da Igreja "saindo" do chamado de Francisco, indo às periferias com a alegria do Evangelho em nossos corações.
6. Aproximar-se das pessoas e acompanhá-las, especialmente aquelas que estão mais distantes, com base na vontade do Pai que olha com predileção para os necessitados.
7. Ser criativos em nossas formas de evangelização, usando os meios mais apropriados e eficazes, tomando cuidado com a linguagem e a pedagogia.
8. Manter uma atitude de constante aprendizado no



diálogo com as culturas, tendo consciência de seus valores e não nos deixando arrastar por valores contrários.

9. Aprofundar nosso conhecimento de nossa própria cultura e da cultura de nosso entorno.

10. "Fazer com os outros" e ser criadores de comunhão em um espírito eclesial.

11. Fazer uma releitura contextualizada da "Carta ao missionário Teófilo" a fim de aprofundar o significado do chamado missionário.

12. Levantar questões que ajudem a aprofundar a relação entre cultura e evangelho.

Sentimos a responsabilidade de garantir que a experiência vivida e os acordos não permaneçam em nossa esfera de coordenação e liderança, mas que o espírito de comunhão se estenda a todas as pessoas de nossas instituições e permeie todas as nossas atividades.

Avaliando os compromissos que o FC vem assumindo em sua trajetória ao longo de seus Encontros, tornou-se necessário manter e renovar alguns deles com um novo impulso:

1. Continuar a promover o conhecimento dos diferentes ramos da FC e as relações entre seus

membros.

2. engajar-se em uma cooperação que leve a uma convergência de esforços em projetos e ações nas áreas de Justiça, Paz e Integridade da Criação, missão educacional, formação, juventude e ministério vocacional.

3. Abrir à participação dos membros da CF as propostas e os instrumentos de formação que cada ramo oferece em relação ao carisma.

4. Dialogar dentro da FC, a partir dos carismas específicos de cada um de seus ramos, sobre nossa identidade como Família e aprofundar os valores da "cultura da FC", definindo os traços de identidade que formam o patrimônio comum para compartilhá-los nos processos formativos e nas plataformas apostólicas.

5. Queremos fortalecer os valores comuns e, ao mesmo tempo, queremos crescer na capacidade de gerenciar as diferenças. a relação entre cultura e evangelho.



## 2. CARTA DESDE O 10º ENCONTRO DA FAMÍLIA CLARETIANA A TODAS AS NOSSAS IRMÃS E IRMÃOS NO CARISMA

Roma, 8 de dezembro de 2021.

Queridíssima família:

Acompanhados pelo som harmônico das máquinas de tear, os responsáveis e conexões dos oito ramos da família claretiana celebraram o nosso décimo encontro mundial em Roma, na Casa de Exercícios dos Passionistas do Célio. Embora a pandemia nos tenha feito repensar a programação inicial – este encontro estava marcado para ser realizado em Londrina (Brasil) – o Espírito nos permitiu seguir afinando nossos corações e entrelaçando nossos fios para tecer um lindo tecido com a cor de nossa família junto a toda a igreja sinodal, que quer aquecer o mundo com o calor da alegria do Evangelho.

Foram dias de bênção, de alegre reencontro, de cordialidade e de intenso trabalho, nos quais sentimos uma só comunidade, uma só família. Fizemos uma agradável memória do imenso dom de tantas pessoas que ao longo dos dez encontros realizados em quase quarenta anos de história marcaram para nós o nosso caminho de família. E celebramos todas as sementes de vida que nestes últimos quatro anos, com base nos compromissos de Mühlberg, têm germinado, dando frutos significativos graças ao trabalho realizado em família e dinamizado por uma equipe de coordenação geral: reflexão sobre os traços comuns que nos identificam como membros de uma mesma família, os encontros e equipes da Pastoral Juvenil e Vocacional, incluindo a JMJ na Família Claretiana (FC), a promoção da rede juvenil +18 “Claret Way”, o fundo de solidariedade e emergências SOS-FC, o plano estratégico da Laudato Si em FC, o trabalho coordenado em Solidariedade e Missão com a celebração da ONU e dias mundiais eclesiais, o quarto Congresso de Educadores da Família Claretiana, os avanços na comunicação (novo site), e todo o processo de preparação deste 10º Encontro que teve como novidade o motivador encontro formativo que o Pe. Adrián de Prado CMF nos dinamizou no último 13 novembro com o título “Onde os fios se cruzam. Da família à familiaridade ”... Reconhecemos com alegria o “tanto bem” que está se realizando, e ao mesmo tempo nos motivamos a continuar vislumbrando todo o muito e bom que a criatividade do Espírito nos coloca no horizonte como projeto de Deus para nossa família.



Num clima de diálogo aberto e sincero, realizamos um discernimento comunitário iluminado por outras visões e experiências eclesiais. Diante disso, ousamos dizer que, neste momento histórico, o Espírito nos chama a dar mais um passo e passar da familiaridade à comunhão. Já não se trata apenas de estar próximos uns dos outros, mas de entrelaçar-se, para uma comunhão feita de reciprocidade, consonância, prática de partilha, missão comum, discernimento ... onde todos crescemos no exercício da troca de dons. É necessário um sentimento de pertença e de intencional participação, mesmo respeitando os tempos de todos.

Porque “é na comunhão – mesmo sendo difícil – que um carisma se revela autêntico e misteriosamente fecundo” (EG 130). Claret sonhou com uma família e nós somos família. Sentimo-nos como família que, desde a complementaridade dos dons, anseia por colocar o carisma partilhado no seu centro. É responsabilidade de todos salvaguardar e tornar visível na Igreja e no mundo este dom recebido, fortalecendo a nossa identidade e configurando-nos como entidade a serviço da evangelização. Para tal, decidimos iniciar o processo de aquisição da personalidade jurídica como família carismática, dando testemunho de unidade a partir do respeito pelas diferenças e particularidades.

Bebendo de nossas raízes carismáticas, à semelhança de Claret não queremos pensar senão em buscar a maior glória de Deus, sempre imitando Jesus Cristo na oração, no trabalho e no sofrimento: Orar como convite a um relacionamento profundo com Deus até que Jesus mesmo o imprima em nosso coração; trabalhar como um convite à conversão para que a nossa ação evangelizadora seja conformada com a vida; e o sofrer como convite à oblação e dedicação sem reservas à missão que o Espírito nos confiou.

E com essa identidade missionária, nos propomos a continuar crescendo como família. Para isso, queremos enfrentar como desafios:

- a promoção de encontros formativos comuns em nível local, regional e mundial;
- a reflexão e estabelecimento de uma estratégia de comunicação,
- a utilização dos diversos foros de encontro para continuar compartilhando iniciativas de Solidariedade e Missão – de modo particular, oferecendo nossa perspectiva claretiana no âmbito das Organizações Não Governamentais

credenciadas junto às Nações Unidas-

- a difusão entusiasta do espírito de família em todas as nossas realidades locais, incentivando a celebração de encontros fraternos que permitam estreitar os laços através do conhecimento mútuo dos diversos ramos.

Como família claretiana, nos sentimos fortemente chamados a compartilhar o caminho sinodal da Igreja desde a busca de respostas novas e criativas aos desafios do mundo contemporâneo, desde a profecia de comunhão para uma fraternidade universal (cf FT 95-96).

Confiados ao Coração de Maria, nossa Mãe Imaculada, cuja festa pudemos celebrar juntos, queremos nos unir em uma oração comunitária, para que o Senhor nos conceda a graça de continuar crescendo como família e de ser cada vez mais sensíveis à voz de Deus que nos fala através da vida.

O Senhor tem sido grande conosco e estamos felizes. Bendito seja o Senhor!

Os participantes do 10º Encontro da Família Claretiana

Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (CMF)  
Religiosas de Maria Imaculada – Missionárias Claretianas (RMI)  
Missionárias de Maria Imaculada (MMI)  
Missionárias Cordimarianas (MCM)  
Filhas do Imaculado Coração de Maria – Filiação Cordimariana (HICM)  
Missionárias da Instituição Claretiana (MIC)  
Missionárias de Santo Antônio Maria Claret (MSAMC)  
Movimento de Leigos Claretianos (SSCC)



---

# QUADRO COMPARATIVO ENTRE AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DE ERIKSON E HAVIGURST

## ANEXO 2



A tabela foi extraída da UNIVERSITAT DE BARCELONA.

VILLAR, F. Proyecto Docente, Capítulo 12: Desarrollo Adulto y Envejecimiento desde un Punto de Vista Sociocontextual. Disponível em: <http://www.ub.edu/dppsed/fvillar> - Acesso em 21 jul. 2018.



Idade	Erikson	Havighurst
<b>PRIMERO ANO</b>	<p>CONFIANÇA VS. DESCONFIANÇA Qualidade: Confiança</p>	<p>Amadurecimento de sistemas sensoriais e motores / Desenvolvimento de apegos / Desenvolvimento emocional / Inteligência sensório-motora / Permanência do objeto</p>
<b>2 - 3 ANOS</b>	<p>AUTONOMIA VS. VERGONHA E DÚVIDA Qualidade: Vontade</p>	<p>Elaboração de independência de movimentos / Conquista de autocontrole / Desenvolvimento da fantasia e do jogo / Desenvolvimento da linguagem e da comunicação efetiva</p>
<b>3 - 6 ANOS</b>	<p>INICIATIVA VS. CULPA Qualidade: Propósito</p>	<p>Identificações de gênero / Desenvolvimento moral prematuro / Jogo em grupo / Desenvolvimento de uma autoestima primitiva</p>
<b>6 - 12 ANOS</b>	<p>DILIGÊNCIA VS. INFERIORIDADE Qualidade: Competividade</p>	<p>Desenvolver relações de amizade com coetâneos / Alcançar uma imagem de si mesmo mais complexa e estruturada / Conseguir pensamento operativo concreto / Aprendizagem de habilidades acadêmicas básicas / Jogo em equipe</p>



idade	Erikson	Havighurst
<b>12 - 18 ANOS</b>	IDENTIDADE VS. CONFUSÃO DE PAPÉIS Qualidade: Fidelidade	Relações mais maduras com coetâneos de ambos sexos / Alcançar papel social masculino ou feminino / Aceitar-se fisicamente / Alcançar independência emocional dos pais / Preparar-se para o mundo profissional / Adquirir valores e sistema ético / Desejar e concluir comportamento socialmente responsável
<b>18 - 30 ANOS</b>	INTIMIDADE VS. ISOLAMENTO Qualidade: Amor	Integração no mundo do trabalho / Seleção de companheiro (a) / Aprender a viver como casal / Ter uma família própria / Criação de filhos / Responsabilizar-se por um lar / Assumir algumas responsabilidades cívicas / Encontrar um grupo social estável

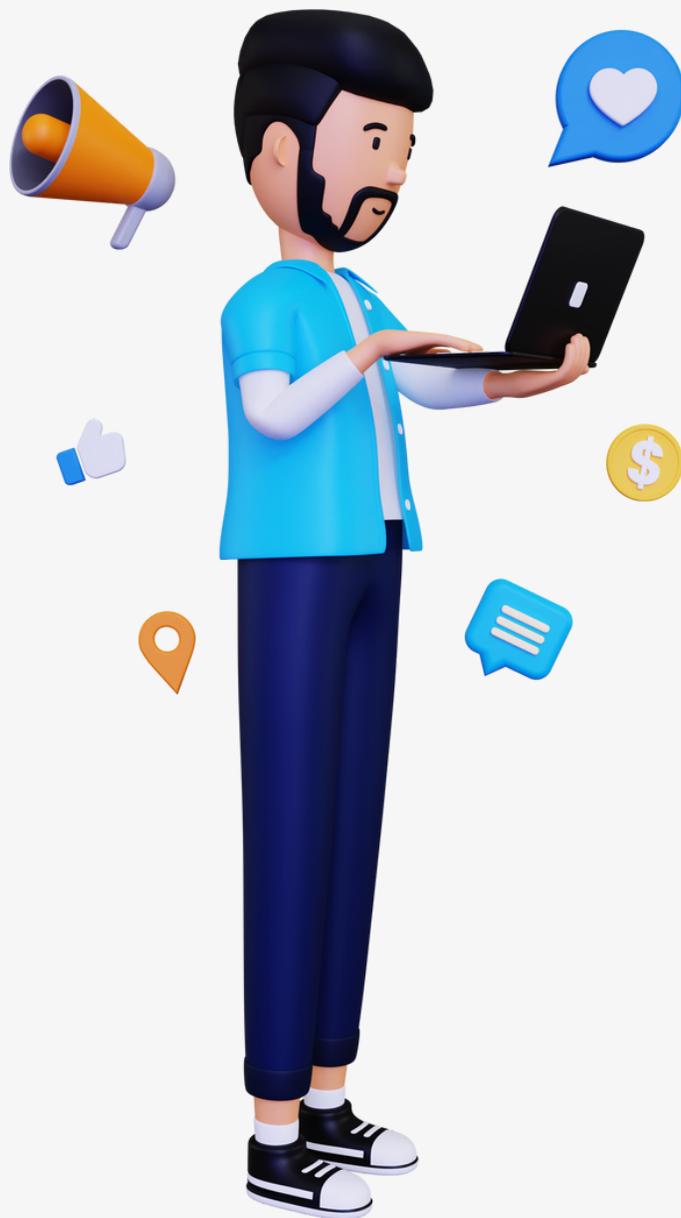


idade	Erikson	Havighurst
<b>30 - 60 ANOS</b>	GENERATIVIDADE VS. ESTANCAMENTO Qualidade: Cuidado	Favorecer a responsabilidade e felicidade dos filhos / Conseguir uma responsabilidade cívica adulta / Alcançar e manter-se em cotas profissionais satisfatórias / Desenvolver atividades de ócio adultas / Relacionamento pessoal como casal / Aceitar e ajustar-se a mudanças fisiológicas da meia idade / Adaptar-se ao envelhecimento dos pais
<b>MÁS DE 60 ANOS</b>	INTEGRIDADE VS. DESESPERANÇA Qualidade: Sabedoria	Adaptar-se a uma força física e saúde em declive / Adaptar-se à aposentadoria e a uma redução de ganhos / Adaptar-se à morte do companheiro (a) e à viuvez / Estabelecer uma afiliação explícita com o próprio grupo / Adotar e adaptar-se a papéis sociais flexíveis / Estabelecer um hábitat físico de vida satisfatório

O quadro nos permite visualizar o panorama mais amplo das etapas evolutivas do desenvolvimento humano com suas tarefas correspondentes. A etapa da juventude é compreendida então com suas características próprias dentro de uma dinâmica de desenvolvimento que a transcende, que tem como condição a resolução positiva das etapas anteriores e assenta as bases para o futuro das pessoas. Se bem que cada etapa tem tarefas bem definidas, nenhuma delas permanece fechada em si mesma, mas aberta ao presente e ao futuro.







---

# OS JOVENS E O CONTINENTE DIGITAL

## ANEXO 3

---



## ALGUNS IMPACTOS POSITIVOS DAS REDES SOCIAIS NOS E NAS JOVENS

### 1. A VIDA COTIDIANA NAS REDES

As redes sociais conseguiram conquistar os jovens. A vida cotidiana de muitos deles é tecida nas redes sociais. Usam-nas para conversar e comunicar-se com amigos e com grupos de pessoas conhecidas e desconhecidas (PRACTICAL PARTICIPATION, 2018).

### 2. CONEXÃO SEM LIMITES

Através das redes sociais, os jovens entram em contato com pessoas de todo mundo e com muito bom gosto; encurtam as distâncias geográficas e de tempo, encontram velhos e novos amigos e se conectam com mundos, culturas e realidades diversas.

### 3. COMUNICAÇÃO INSTANTÂNEA

Tweetear uma mensagem leva somente 20 segundos. A comunicação nas redes sociais é quase imediata. Qualquer meio “vocal, visual ou de mensagem” pode ser usada para interagir com outras pessoas ao redor do mundo em questão de segundos e de maneira organizada.

### 4. ABERTURA À DIVERSIDADE E A MULTICULTURALIDADE

As redes sociais colocam o mundo nas mãos dos usuários e os conectam com o mundo. Uma notícia, mensagem ou atualização é questão de segundos. As redes sociais colocam seus usuários em condições de igualdade, sem que importe quem é você e onde se encontra realmente.

### 5. FACILIDADE E EFETIVIDADE NA COMUNICAÇÃO

Dita igualdade de oportunidades viu-se ainda mais favorecida pelos novos desenvolvimentos da telefonia móvel. Qualquer pessoa que tenha acesso ao serviço e em qualquer lugar do mundo, ainda que os acessos sejam diferentes, pode tirar proveito de seus benefícios.

### 6. ACESSO A INFORMAÇÕES E CONTEÚDO ILIMITADOS

Nas redes, é possível acessar todos os tipos de informações e conteúdos como nunca antes. Você pode saber o que está acontecendo no mundo, visitar lugares e cidades, aprender conteúdos acadêmicos, desfrutar de entretenimento on-line e filmes de todos os tipos. Tudo o que você imaginar.



## 7. ENCONTRAR APOIO NA LINHA

Em situações difíceis ou períodos críticos do desenvolvimento, os jovens buscam informação e conselhos nas redes. Alguns sites oferecem a ajuda que necessitam e lhes faltam nas relações trabalhistas, outros oferecem conselhos de autoajuda e autoconhecimento ou respostas relacionadas com objetivos profissionais

## ALGUNS IMPACTOS NEGATIVOS DAS REDES SOCIAIS NOS E NAS JOVENS

### 1. ISOLAMENTO PATOLÓGICO

Nas redes nem tudo é positivo. O uso excessivo da Internet pode provocar um isolamento progressivo nas relações humanas reais. “Estou contigo, porém só virtualmente”. A perda de contato humano real leva consigo a perda das habilidades naturais para a comunicação com os demais. O perigo de solidão e o sentimento de infelicidade são abundantes nas redes sociais; mais ainda entre os jovens que passam todo o dia conectados (Twenge, 2017).

### 2. SEXTING (CONTRAÇÃO DE SEX E TEXTING) E PORNOGRAFIA

Lamentavelmente, a pornografia é um excelente negócio, e o sexting outro dos impactos negativos das redes sociais nos jovens. Consiste em enviar, receber ou reenviar mensagens, fotografias ou imagens de conteúdo sexual explícito através das redes ou dispositivos digitais. Alguns adultos ou redes de tráfico se aproveitam dos meios para atrair adolescentes e jovens incautos, com más intenções (EL PAIS, 2006; CATHOLIC.NET, 2018).

### 3. CIBERCRIME E OUTROS PERIGOS

O acesso cibernético ou cyberbullying é um fator de risco para adolescentes e jovens (TWENGE, 2017). Atualmente não está claro quem são os estranhos desconhecidos. A época de segurança dos sites de Internet e a sobre-exposição da privacidade dos jovens nas redes os expõem a ser vítimas de ciberdelitos (pirataria informática, phishing, spamming, pornografia infantil, delitos de ódio). Atualmente, muitos sequestros, assassinatos e roubos se originam no compartilhamento espontâneo de detalhes da própria vida nas redes sociais (YOSEO MARKETING, 2018).

#### 4. CONSUMISMO E OUTRAS CONSEQUÊNCIAS

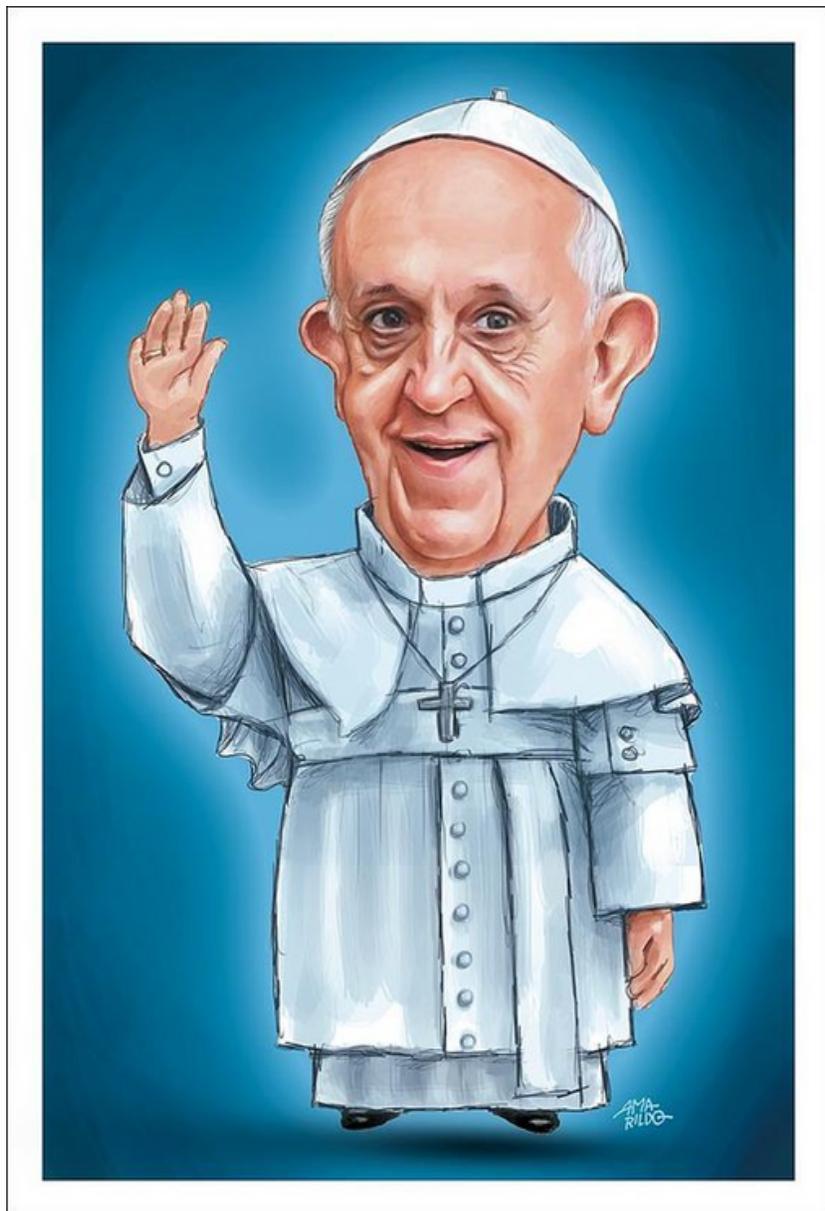
Internet não só mudou os hábitos de consumo das pessoas, mas criou necessidades novas, particularmente entre os jovens. O “consumismo”, como ideologia social e econômica, fomenta a tendência das pessoas a adquirir, gastar e consumir bens e serviços nem sempre necessários, em quantidades cada vez maiores. Além disso, navegar na Internet durante muito tempo, afeta a capacidade de atenção, o rendimento acadêmico e incide na saúde dos jovens. Alguns blogs podem influir tanto neles a ponto de se tornarem violentos ou serem incitados a realizar ações inapropriadas (PURO MARKETING, 2018).

---

Se você navega pela web, certamente terá oportunidade de aprofundar em todos estes aspectos assinalados. A descrição realizada não pretende abarcar toda a realidade nem demonizar os meios ou as redes sociais, não somos retrógrados. Acentuamos tudo isto pelo trabalho pastoral que desenvolvemos e porque nos interessa a vida dos jovens. É necessário que estejamos atentos ao mundo no qual nos movemos, sem ingenuidades, sendo capazes de tomar o melhor que se nos oferece para nossa tarefa evangelizadora.







---

# **A MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AOS JOVENS NAS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE (JMJ)**

**ANEXO 4**

---



Durante a **JMJ de 2013, no Rio de Janeiro**, o Papa compartilhou com os jovens a história de São Francisco de Assis que, diante da cruz da Igreja de São Damião, escutou a voz de Jesus que lhe dizia: **“Francisco, vai, reconstrói a minha Igreja”**. O jovem respondeu rápida e generosamente ao chamado do Senhor... porém, de que Igreja se tratava? Não era o templo de pedra, mas a Igreja que somos todos os batizados. Era questão de colocar-se a serviço, de amar e trabalhar para que o rosto de Cristo resplandeça nela.

Ao contar esta história, o Papa lembrava aos jovens: “Também hoje, como sempre, o Senhor precisa de vocês, os jovens, para sua Igreja. Meus amigos, o Senhor necessita de vocês! Hoje também cada um de vocês é chamado para que o sigam em sua Igreja e para que sejam missionários. **O Senhor está chamando hoje. Não em massa, mas pessoalmente, a você, você, a cada um de vocês! Não se esqueçam nunca que vocês estão no campo da fé! Vocês são os atletas de Cristo! São chamados a construir uma Igreja melhor e um mundo melhor**”.

Do mesmo modo, durante a vigília da **JMJ em Cracóvia (2016)**, o Papa animava os jovens dizendo-lhes: **“Nós não viemos a este mundo para ‘vegetar’, para ter**

uma vida sossegada, para fazer de nossas vidas um sofá confortável e dormir. Viemos por outra razão: Para deixar marca. Quando optamos pelo fácil, pela conveniência, por confundir felicidade com consumismo, perdemos nossa liberdade. Este é o alto preço que pagamos. Não somos livres para deixar uma marca. Há muita gente que não quer que os jovens sejam livres, há muita gente que não lhes deseja o bem, que quer que vocês estejam adormecidos e desanimados e nunca livres. Não! Isto não deve ser assim! Jesus é o Senhor do risco, ele é o Senhor do eterno “mais”.

Jesus não é o Senhor do conforto, da segurança, da facilidade. Seguir Jesus requer uma boa dose de coragem, uma disposição para trocar o sofá por um par de tênis para caminhar e se lançar em caminhos novos e desconhecidos. Abrir caminhos para novos horizontes que sejam capazes de transbordar de alegria, a alegria que nasce do amor de Deus e se acumula em seus corações a cada ato de misericórdia. **Tomar o caminho da "loucura" de nosso Deus**, que nos ensina a encontrá-Lo no faminto e no sedento, no despido, no doente, no amigo em apuros, no preso, no refugiado e no imigrante, e em nossos vizinhos que se sentem abandonados. Seguir o caminho de nosso Deus, que nos incentiva a sermos políticos, pensadores e ativistas sociais. O Deus que nos



encoraja a conceber uma economia marcada por uma solidariedade maior do que a nossa".

Na **JMJ do Panamá (2019)**, o Papa lembrou aos jovens as palavras com as quais a Virgem Maria respondeu ao chamado de Deus: **"Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra"**. Essas palavras são um "sim" corajoso e generoso. O sim de quem entendeu o segredo da vocação: sair de si mesmo e colocar-se a serviço dos outros. Há muitos jovens, crentes ou não, que no final de seus estudos mostram seu desejo de ajudar os outros, de fazer algo pelos que sofrem. Essa é a força dos jovens, a força de todos vocês, que pode mudar o mundo; essa é a revolução que pode desestabilizar os grandes poderes deste mundo: a "revolução" do serviço.

**Colocar-se a serviço dos outros** não significa apenas estar pronto para a ação, mas também estar em diálogo com Deus, em uma atitude de escuta, como fez Maria. Ela ouviu o que o anjo lhe disse e depois respondeu. A partir desse diálogo com Deus no silêncio do coração, descobre-se a própria identidade e a vocação para a qual o Senhor chama; isso pode ser expresso de diferentes maneiras: no casamento, na vida consagrada, no sacerdócio... Todas elas são formas de seguir Jesus. O

importante é **descobrir o que o Senhor espera de nós e ter coragem suficiente para dizer "sim"**.

As propostas de Deus para nós não são para extinguir sonhos, mas para **acender desejos; para tornar nossa vida frutífera** e fazer muitos sorrisos e corações felizes. Dar uma resposta afirmativa a Deus é o primeiro passo para ser feliz e fazer muitas pessoas felizes.

**Queridos jovens, incentive cada um de vocês a entrar em si mesmo e dizer a Deus: "O que você quer de mim? Deixem que o Senhor fale com vocês; vocês verão sua vida transformada e cheia de alegria"**.

Por fim, na **JMJ de Lisboa (2023)**, o Papa, retomando o lema **"Maria partiu e foi sem demora"**, perguntou aos jovens: Por que Maria se levantou e foi às pressas ver sua prima se ninguém lhe pediu? **Porque "quem ama, voa, corre, se alegra"**. É isso que nos leva a fazer amor. A alegria de Maria é dupla: ela tinha acabado de receber o anúncio do anjo de que receberia o Redentor e também a notícia de que sua prima estava grávida. É curioso que, em vez de pensar nela, ela pensa na outra, por que isso acontece? Porque **a alegria é missionária, a alegria não é para si mesmo**, é para levar algo e eu lhes pergunto: vocês que estão aqui, que vieram para se



encontrar, para buscar a mensagem de Cristo, para buscar um belo sentido para a vida, vocês vão guardar isso para si mesmos ou vão levar para os outros? O que vocês acham?

Essa alegria que temos, outros nos prepararam para recebê-la. Vamos olhar para trás e ver tudo o que recebemos. **O que recebemos preparou nosso coração para a alegria.** Todos nós, se olharmos para trás, temos pessoas que foram um raio de luz em nossa vida: pais, avós, amigos, padres, religiosos, catequistas, animadores, professores. Elas são como as raízes de nossa alegria. A alegria que veio dessas raízes é a alegria que temos para dar. Porque **temos raízes de alegria** e nós também podemos ser raízes de alegria para os outros. Não se trata de trazer uma alegria passageira, uma alegria do momento. **Trata-se de levar uma alegria que cria raízes.** E eu me pergunto: como podemos nos tornar raízes de alegria? **Temos de procurar a alegria, temos de descobri-la em nosso diálogo com os outros. E isso às vezes é cansativo.**

E quando estamos cansados, não temos vontade de fazer nada, não temos vontade de continuar, desistimos, paramos de andar e caímos. Você acha que uma pessoa que cai na vida, que fracassa, que comete erros pesados e

fortes, está acabada? Não, não! Qual é a coisa certa a fazer? Levantar! Como diz uma pequena canção alpina: **na arte de escalar a montanha, o que importa não é cair, mas não ficar no chão.**

Aqueles que permanecem caídos se retiraram da vida, se fecharam, fecharam a esperança, fecharam a ilusão e permanecem caídos. Quando vemos alguns de nossos amigos caídos, o que temos de fazer? Levantá-los! Observe que, quando você precisa levantar ou ajudar a levantar uma pessoa, você olha para ela de cima para baixo. **A única oportunidade, o único momento em que é permitido olhar para uma pessoa de cima para baixo é para ajudá-la a se levantar.**

**Esse é o caminho, a constância na caminhada.** E na vida, para alcançar as coisas, é preciso treinar-se ao longo do caminho. Na vida, você aprende e isso é treinamento na estrada: caminhar e, se cair, levantar-se, caminhar com um objetivo, treinar todos os dias na vida. **Na vida, nada é gratuito, tudo é pago. Só há uma coisa gratuita: o amor de Jesus.**



Portanto, com essa coisa gratuita que temos, o amor de Jesus, e com o desejo de caminhar, caminhemos com esperança, olhemos para nossas raízes e sigamos em frente, sem medo. Não tenham medo!

Estes ensinamentos do Papa Francisco refletem, de uma maneira muito simples, o que significa a palavra “evangelização”, significa atrair a Jesus e testemunhá-lo com a própria vida. Entre tantos métodos, modos, atividades, pregar a Cristo com a própria vida é sempre um método válido e talvez o mais importante, não lhe parece?





---

# UM CHAMADO DE ATENÇÃO À PASTORAL CLARETIANA COM JOVENS E VOCAÇÕES

ANEXO 5

---



Na sequência, apresentamos as necessidades que os responsáveis da PJV da FC explicitaram em diferentes eventos e encontros. Fazemos isto porque é necessário que estejamos conscientes do que nos falta para empreender nosso caminho de “conversão pastoral”. Estamos convencidos de que podemos melhorar, reinventar ou recomeçar nosso ministério de outra maneira.

Para poder compreender melhor essas necessidades, agrupamos as exigências em três categorias:

### **1. NECESSIDADES RELACIONADAS COM O MODO DE TRABALHO:**

Os referenciais (responsáveis) da PJV da FC ressaltam que é importante que aprendamos a trabalhar em equipe, que os referenciais (responsáveis) pela pastoral se formem para este ministério, que trabalhem por continentes para que favoreçamos processos pastorais comuns em realidades e contextos geográficos similares.

### **2. NECESSIDADES QUE SURGEM DA PRÓPRIA TAREFA PASTORAL:**

Os referenciais (responsáveis) da PJV da FC expressam a importância de discernir quais os desafios da PJV nos diferentes contextos e o modo de responder a

eles, de colaborar na produção de materiais de PJV, a elaboração de planos, projetos pastorais e atividades conjuntas da FC.

### **3. NECESSIDADE DE CRESCER EM RESPONSABILIDADE E CONSCIENTIZAÇÃO COLETIVA:**

Os referenciais (responsáveis) da PJV da FC destacam a importância de que todos e cada um dos membros da FC nos demos conta de que todos, individual e comunitariamente, somos responsáveis da chamada “cultura vocacional” e da pastoral vocacional. Indicam, além disso, que devemos priorizar a PV em nossos Institutos e o Movimento da FC, também destinando pessoal e recursos econômicos. Alguns propõem um “voluntariado missionário para jovens” em chave vocacional.

Os trabalhos e projetos que vamos empreendendo juntos aos referenciais (responsáveis) da PJV da FC, entre os quais contamos este curso de capacitação pastoral, são uma resposta a estas questões fundamentais. Queira Deus que em alguns anos, com o esforço comum, estas necessidades estejam mudando por ter alcançado os objetivos propostos. Este é um trabalho que empreendemos juntos, embora em níveis diferentes. Se você está fazendo este curso, também você é responsável de que seja assim, não se esqueça.







# PASTORAL CLARECTIANA COM JOVENS E VOCAÇÕES EM AMBIENTES CULTURAIS ESPECÍFICOS

ANEXO 6

---



A multiculturalidade é um fenômeno cada vez mais crescente em nossas sociedades e comunidades. A PJV da FC é chamada a construir, com pessoas de culturas diferentes, um projeto comum com base na fé, isto nos desafia a que passemos da constatação do fato multicultural à elaboração de um projeto comunitário intercultural.

Para trabalhar uma PJV intercultural é necessário que demos lugar aos jovens de outras culturas, que os incluamos e nos deixemos transformar por eles, que prestemos atenção ao contexto cultural do qual provêm, descubramos seus valores mais positivos à luz do Evangelho e tenhamos em conta como se desenvolvem os vínculos em suas famílias ou quais suas configurações sociais.

O desafio é grande, por uma parte, pede que desenvolvamos uma consciência comunitária que inclua a diversidade cultural dos jovens, que valorizemos seus mitos e expressões culturais e, por outra, propõe uma experiência intercultural que, a partir do Evangelho, permita que superemos estereótipos étnicos diversos.

Isto pode ser alcançado de várias maneiras, como por exemplo, através de uma proposta educativa aberta a

outras culturas e inclusiva; pela conscientização juvenil a respeito da própria cultura, através da informação precisa e por histórias de vida; experiências interculturais que lhes permitam relacionar-se com outros, aprender juntos, crescer em diálogo, compreensão e aceitação recíproca; enriquecer-se mutuamente com a variedade das outras culturas.

Nós cremos que Deus está presente e operante nas diferentes culturas; sua Palavra o atesta em numerosas passagens (cf. Jo 4, 35-38; Atos 10, 34; Rm 2, 11; Gl 2,6; Ef 6, 9). Toda cultura está habitada pela Boa Notícia e a comunica por meio de suas tradições e do etos cultural próprio, isto é, pela idiosincrasia dos povos traduzida em um sistema de crenças, valores e normas, que cada comunidade respeita e atualiza com o passar do tempo, à medida que surgem novas necessidades.

Por isso, ao aproximar-nos de outras culturas, temos que assumir a atitude de Moisés em Êxodo 3,5: Tirar o calçado para adentrar em território sagrado, habitado por Deus. A PJV da FC é uma grande oportunidade para abrir nossas comunidades e apreciar a rica diversidade que aportam às novas gerações. Somos chamados a estabelecer com elas um diálogo fecundo por meio do qual a mensagem que anunciamos encontre sua

expressão própria e inculturada no espaço vital dos jovens.

Em contextos étnicos particulares, nosso serviço pastoral aos jovens e às vocações supõe que reconheçamos as necessidades das comunidades e indivíduos, observemos os padrões familiares, utilizemos os sinais e símbolos que podem ser mediadores da fé, afirmemos os valores evangélicos próprios da cultura, reconheçamos os padrões de liderança comunitária e estabeleçamos com eles um diálogo de fé e de vida que seja mutuamente fecundo.





---

**UM ITINERÁRIO  
ESPIRITUAL  
PARA JOVENS  
A PARTIR DA  
ALEGORIA  
CLARETIANA  
DA FORJA (FRÁGUA)**

**ANEXO 7**

---



## **1. PRIMEIRA ETAPA: "QUID PRODEST" ("¿DE QUE SERVE?")**

"Quid Prodest" 1.É uma expressão latina, tomada do Evangelho de Mateus 16, 26 e que significa literalmente: "De que serve?" A experiência de perguntar-se pelo sentido das coisas e da vida nos prepara para ingressar na forja (frágua), que permanece ao longo de toda a vida. Torna-se mais evidente nos momentos críticos, nos quais é preciso romper com uma situação dada para abrir-nos à vontade de Deus tornando-nos cada vez mais disponíveis. Neste núcleo nos confrontamos com a encruzilhada de ficar instalados na situação em que nos encontramos ou sair a buscar algo mais, algo diferente, algo que dê sentido à vida.

Para quem está sendo iniciado no discipulado missionário, este momento tem a ver com a abertura e a disponibilidade para encontrar-se ou deixar-se encontrar com Deus para descobrir o sonho que Deus tem para ele ou para ela. Trata-se de discernir as encruzilhadas que definirão o rumo da própria vida.

## **2. SEGUNDA ETAPA: "PATRIS MEI" (= MEU PAI)**

A expressão, que significa "meu Pai", é tomada de Lc 2, 49. Faz referência à experiência claretiana do amor de Deus Pai a quem Claret procura agradar ao longo de toda sua vida. É o fundamento da vida do missionário, sem a qual não é possível configurar-se com Jesus Cristo. Este núcleo alude ao fogo do amor incondicional do Pai que faz arder nossos corações e os purifica como o fogo purifica o ferro de seus óxidos. O fogo do amor nos torna maleáveis para que Deus nos vá formando e transformando.

A experiência do Patris Mei nos coloca na disjuntiva que nos pede que optemos por viver nossa vocação ou superficial ou profundamente. Para um jovem é a experiência de relacionar-se intimamente com Deus como Pai, um vínculo fundamental no caminho do discipulado missionário. Trata-se de aprender a criar, cuidar e cultivar um espaço de intimidade e proximidade com Deus, um encontro filial, autêntico, que muda e transforma a própria vida.

## **3. TERCEIRA ETAPA: "CARITAS CHRISTI" (= A CARIDADE DE CRISTO)**

A terceira etapa toma seu nome de 2Coríntios 5, 14. Leva por nome CARITAS CHRISTI que quer dizer "a caridade de Cristo". Aponta para a experiência claretiana



da imitação, seguimento e configuração com o Filho, enviado pelo Pai, ungido pelo Espírito e nascido de Maria. Situa-nos ante a encruzilhada de escolher entre uma vida centrada em nós mesmos (egoísta) ou outra assinalada pela entrega total e pelo amor.

Para quem se aventura no seguimento de Jesus Missionário, esta etapa é um convite a ser como Jesus, a configurar-se com ele. Só é possível se nos deixarmos moldar e guiar pelo amor que nos leva a dar a vida sem reservar nada para nós, amor extremo e total, amor que perdoa, que sai de si mesmo para dar cabida a Deus e aos irmãos na própria vida.

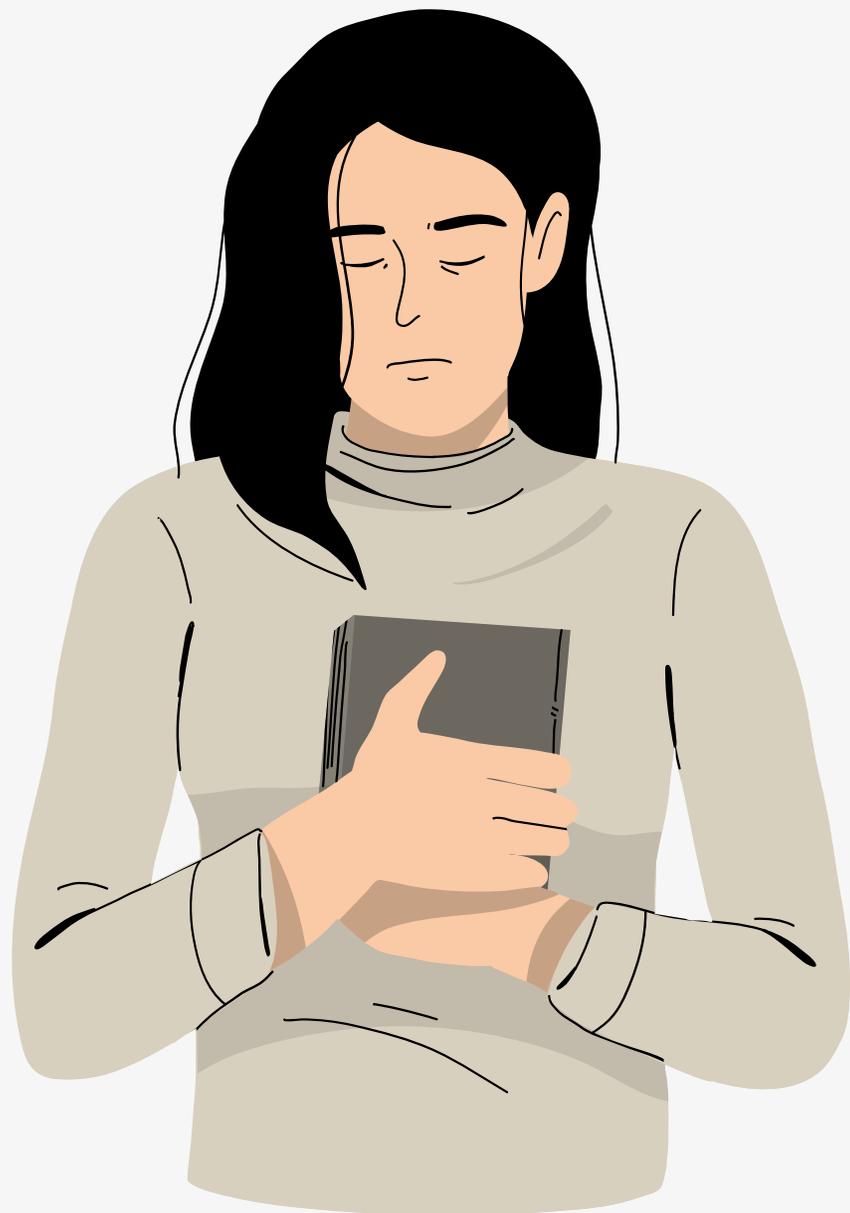
### **3. QUARTA ETAPA: "SPIRITUS DOMINI" (= O ESPÍRITO DO SENHOR)**

Alude à experiência claretiana de se saber ungido pelo Espírito como Jesus e Claret para levar avante a missão no seio da Igreja e a serviço de todo o mundo. O confronto é para escolher entre uma vida passivamente vivida e outra em criatividade missionária.

Neste ponto, o jovem e a jovem adquirem a certeza da missão à qual são enviados a experimentar a convicção de ser nela colaboradores do Espírito de Deus. Nosso

apostolado missionário tem um caráter universal: “Meu espírito é para todo o mundo”, escrevia o Padre Claret ao ver-se constrangido a escolher entre a missão e o arcebispado de Cuba. Assim também os jovens discípulos missionários são como uma “seta” lançada à evangelização de outros jovens e para todo mundo.





---

**UMA FORMA  
SIMPLES DE  
PRATICAR A  
LEITURA ORANTE  
DA BÍBLIA  
COM OS JOVENS**

**ANEXO 8**

---



A exortação pós-sinodal do Papa Bento XVI "Verbum Domini" (= a Palavra do Senhor) nos lembra os passos da leitura orante da Bíblia (cf. VD 87):

### **1. LEITURA (LECTIO)**

Começa-se a leitura (lectio) do texto, que suscita a questão: Que diz o texto bíblico em si mesmo? Sem este momento, se corre o risco de que o texto se converta somente em um pretexto para não sair nunca de nossos pensamentos.

### **2. MEDITAÇÃO (MEDITATIO)**

Segue depois a meditação (meditatio) na qual aparece a questão: Que diz o texto bíblico a nós? Aqui cada um pessoalmente, porém também comunitariamente, deve deixar-se interpelar e examinar, pois não se trata de considerar palavras pronunciadas no passado, mas no presente

### **3. ORAÇÃO (ORATIO)**

Chega-se sucessivamente ao momento da oração (oratio), que supõe a pergunta: Que dizemos nós ao

Senhor como resposta à Palavra? A oração como petição, intercessão, agradecimento e louvor, é o primeiro modo com o qual a Palavra nos transforma

### **4. CONTEMPLAÇÃO (CONTEMPLATIO)**

Por último, a lectio divina conclui com a contemplação (contemplatio), durante a qual aceitamos como dom de Deus seu próprio olhar a julgar a realidade, e nos perguntamos: Que conversão da mente, do coração e da vida nos pede o Senhor? A contemplação tende a criar em nós uma visão sapiencial, segundo Deus, da realidade e a formar em nós "a mente de Cristo" (1Cor 2, 16).

A Palavra de Deus se apresenta aqui como critério de discernimento, "é viva e eficaz, mais penetrante que a espada de dois gumes, penetrante ao ponto de dividir alma e espírito, conjunturas e medula. Julga os desejos e intenções do coração" (cf. Hb 4, 12). Convém lembrar, além disso, que a lectio divina não termina seu processo até que não se tenha chegado à ação (actio), que move a vida do crente à conversão em dom para os demais pela caridade.







---

# MARIA, MÃE DOS DISCÍPULOS DE JESUS

ANEXO 9

---



“A unidade da comunidade cristã não é anônima nem indiferenciada, mas existe nela uma diversidade de carismas, funções e ministérios (cf. por exemplo, 1Cor 14, 4-30; Rm 12, 3-8; Ef 4, 1-13). No livro dos Atos, Lucas apresenta Maria simplesmente como “a mãe de Jesus” (Atos 1, 14). Porém, existem dados para pensar que sua função na comunidade apostólica foi muito importante e diferenciada.

Os estudos e comentários exegéticos atuais sobre o Quarto Evangelho confirmaram a cuidada estrutura narrativa e o rico simbolismo dos diversos episódios, através dos quais o evangelista consegue transmitir, de maneira ao mesmo tempo simples e eficaz, um elevado conteúdo cristológico. Em particular, interessa-nos sublinhar aqui o alcance mariológico dos dois episódios em que a mãe de Jesus aparece explicitamente mencionada: o das bodas de Caná e a cena ao pé da Cruz. Ambos textos, estritamente relacionados, constituem o mais seguro fundamento bíblico para falar da maternidade espiritual de Maria.

O episódio de Caná (Jo 2, 1-12) reveste-se de interesse especial porque constitui o princípio dos “sinais” através dos quais Jesus revela sua glória e suscita a fé de seus discípulos (v. 11). {...} A atuação de

Maria nesse episódio, tão eficaz como discreta, supõe já uma “função maternal”, não em sentido de materialidade física (ante a qual Jesus toma distância: v. 4), mas precisamente como maternidade na fé. Assim se compreende sua solicitude em favor dos que “não têm vinho” (v. 3) e, sobretudo, sua exortação aos serventes: “Fazei o que Ele vos disser” (v. 5). Esta dupla intervenção de Maria expressa, por um lado, a fé que ela tem em seu Filho, e, por outro, a projeção desta fé para com os demais em forma de testemunho de Jesus e de serviço aos necessitados. Desse modo, Maria não é aqui somente a primeira a crer em Jesus, mas também a que exorta a crer nele e a obedecê-lo incondicionalmente. Nesse sentido é possível afirmar uma intervenção positiva de Maria no nascimento da fé dos discípulos.

Esta função maternal de Maria aparece já explicitada de uma maneira clara e solene no episódio do Calvário (Jo 19, 25-27), quando havia chegado a hora de Jesus (cf. Jo 13, 1; 17, 1; 19, 27) e está a ponto de culminar sua obra (cf. Jo 19, 28. 30). Tal explicitação se realiza através de uma palavra de revelação que o próprio Jesus dirige sucessivamente à sua mãe (“Mulher, eis aí o teu filho”) e ao discípulo amado (“Eis aí a tua mãe”). O que a um olhar superficial poderia parecer uma disposição testamentária de caráter doméstico ou privado (Jesus encomenda o



cuidado de sua mãe a seu discípulo predileto), visto em profundidade e em seu próprio contexto, revela uma grande densidade teológica. Para nosso propósito, basta assinalar o valor tipológico da figura do “discípulo amado”, enquanto representante e modelo dos discípulos de Jesus (cf. Jo 13, 1; 14, 21; 15, 12-15; 19, 35; 20, 8...), e as conotações do apelativo “mulher”, seja em referência à Filha de Sião que ilumina ou acolhe aos filhos de Deus dispersos, ou em referência à figura prototípica de Eva, mãe de todos os viventes.

Vista sob a perspectiva desta luz, a maternidade de Maria se prolonga para além dos limites da Igreja, alcançando uma dimensão universal. Intimamente unida ao sacrifício de seu Filho, Maria compartilha plenamente o amor de que o levou a entregar sua vida por todos os homens. Porém, este alcance universal não deve obscurecer a dimensão pessoal da maternidade de Maria, evidenciada na acolhida que presta o discípulo à sua mãe: “Desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa”, ou melhor, “entre seus bens próprios” (cf. por exemplo, Jo 6,51; 14, 27; 17, 8; 20, 22), a pessoa de Maria constitui uma parte entranhável, cuja acolhida, tratando-se de uma mãe, somente pode ser entendida em termos de entrega filial.

De acordo com isto, o momento em que consuma a

entrega de seu Filho é para Maria o começo de uma maternidade universal”.

(HERNÁNDEZ, 1991, p. 181-184)





# **CONSTRUIR A COMUNIDADE**

**ANEXO 10**



# CONSTRUIR A COMUNIDADE

## REDUZ

**a vergonha**  
**a ansiedade**  
**o temor**  
**o pretexto**  
**a baixa autoestima**  
**a autocrítica**  
**a competitividade**  
**a divisão**  
**a exclusão**  
**o isolamento**  
**o juízo**  
**o conflito**

## ALENTA

**o compromisso**  
**a confiança**  
**a segurança**  
**a sinceridade**  
**a afirmação pessoal**  
**a autoestima**  
**a cooperação**  
**a unidade**  
**a inclusão**  
**a vinculação com outros**  
**a aceitação**  
**a reconciliação**







**A GLÓRIA DE DEUS  
SE REVELA  
EM MARIA**

**ANEXO 11**

---



Toda a história da salvação pode ser considerada como uma manifestação da glória de Deus, que culmina na pessoa de seu Filho Unigênito (cf. Jo 1, 14) e a partir dele se difunde a todos os que participam de seu Espírito (cf. 2Cor 3, 17s). Em particular, a glória de Deus se revelou em Maria enchendo-a de graça, santificando-a e consagrando-a: “O Espírito descerá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra” (Lc 1, 35). A exegese recente viu nesse texto uma possível alusão ao tema bíblico da “glória de Deus” (shekinah) que, encoberta pela nuvem, cobria o Tabernáculo, significando assim a presença de Deus no meio do povo (cf. Ex 24, 16s; 40, 35; 1 e 8, 10-13). De fato, esta alusão aparece claramente no prólogo do Quarto Evangelho: “O verbo se fez carne, e armou sua tenda entre nós, e nós contemplamos sua glória” (Jo 1, 14).

Segundo este rico pano de fundo bíblico, a glória do Verbo de Deus tem sua primeira morada no seio virginal de Maria. Porém, o simbolismo arquitetônico (templo, morada) apenas permite intuir a enorme densidade de um mistério que, no fundo, se apresenta como insondável. Em todo caso, para além de uma presença puramente material ou espacial, falamos aqui de um encontro interpessoal que afeta profundamente a pessoa mesma de Maria. Pela ação do Espírito, ela participa da santidade e do poder gerador de Deus, da força e fecundidade de

seu amor, e através desta participação se converte em mãe do Santo, do Filho de Deus. Dessa maneira, Maria mesma se transforma na imagem viva de Deus Pai, no “rosto materno de Deus”.

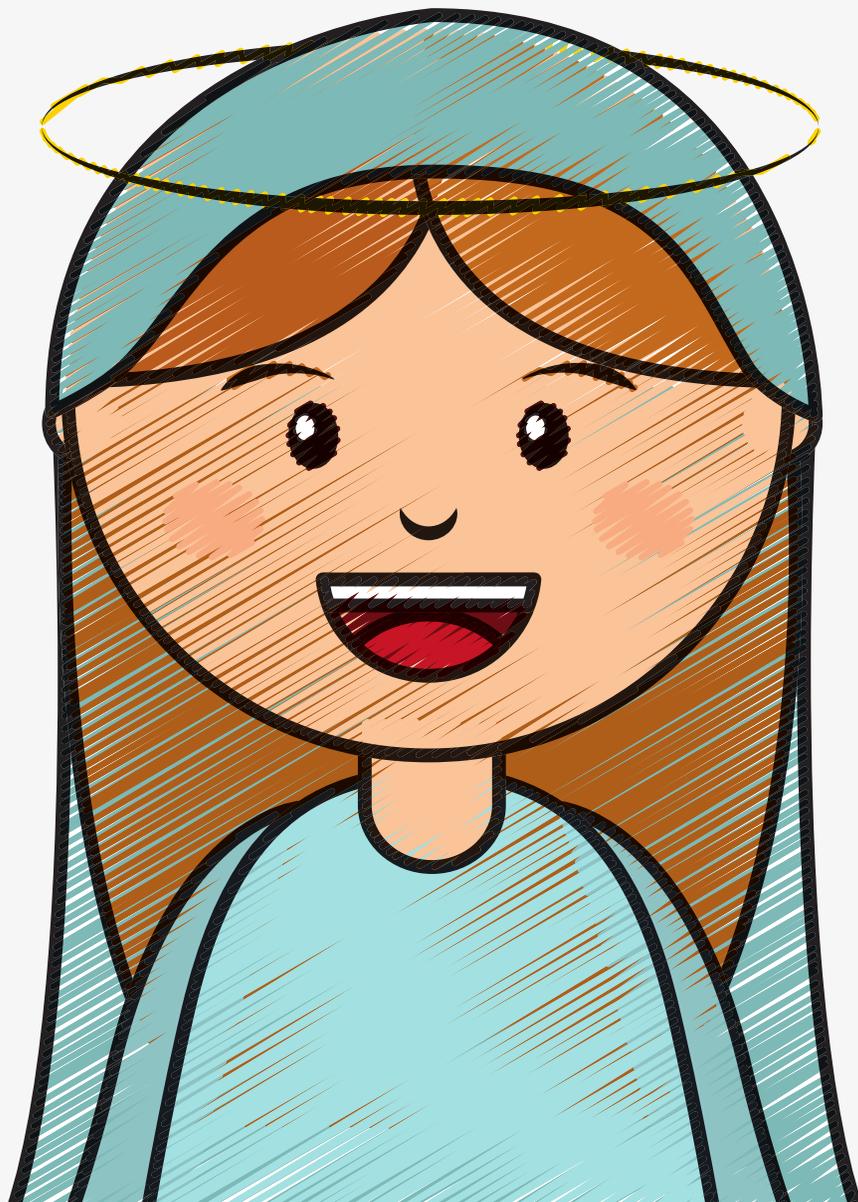
De fato, historicamente, Jesus vai descobrindo, através do carinho maternal de Maria, esse amor misericordioso e entranhável, solícito e providente, do Abbá, do Deus todo coração. Ainda que o processo transcorra no silêncio da vida oculta, e em última instância se torne inacessível, o evangelista Lucas nos dá uma pista para intuir o papel positivo exercido por Maria, junto com seu esposo José, no desenvolvimento da personalidade humana e religiosa de seu Filho (cf. Lc 1, 51s). {...} Quem foi para Jesus “o rosto materno de Deus”, é também para nós sua imagem viva e entranhável. {...}

Efetivamente, em Maria, mãe de misericórdia, revela-se a atitude solícita e compassiva de Deus para com os mais pobres e necessitados. O Deus que “cumulou de bens os famintos” (Lc 1, 53a) parece falar por ela quando se compadece dos que “não têm vinho” (cf. Jo 2, 3). Maria canta, se consagra e se identifica com o Deus da vida, que manifesta sua glória na salvação integral do homem. É o que diz lapidarmente Santo Irineu: “A glória de Deus é que o homem viva”

(HERNÁNDEZ, 1991, p. 165-167).







---

**MARIA,  
VITORIOSA  
NA LUTA  
CONTRA O MAL**

**ANEXO 12**

---



“O enfrentamento entre o Reino de Deus e o poder do mal, que fixa suas raízes no interior de cada homem (cf. Mc 7, 20-23), também eloquentemente, Rm 7, 14-25), se estende e se estabelece igualmente na escala social, coletiva e estrutural. Nessa perspectiva mais ampla se situa o capítulo 12 do Apocalipse quando descreve a luta do Dragão contra a Mulher e sua descendência. Por trás da colorida linguagem dos mitos e dos símbolos (entre os quais destaca-se a imaginação já esboçada no Gn 3, 15), é possível descobrir neste texto a situação da comunidade cristã – representada pelos atributos do povo messiânico – que estava sendo então sangrentamente perseguida pelo Império Romano. {...} Porém, a polivalência do símbolo e a permanente atualidade da palavra bíblica permitem também outras leituras que desenvolvem o alcance original do texto, seja na linha da universalização, seja como quando se estende a outras situações históricas semelhantes, vividas pelo Povo de Deus, ou na linha de particularização, como quando se aplica a uma pessoa concreta, que neste caso é a pessoa de Maria. Assim, ainda que o texto tenha primária e diretamente um significado coletivo (a Mulher como representação do Povo de Deus), há nele elementos que tornam legítima a interpretação em sentido mariológico.

[...] Ao ver Maria na Mulher do Apocalipse, mãe do

Messias (v. 5) e vencedora sobre todas as ameaças do mal (cf. V. 13-16), a Igreja reconhece nela a obra mestra da graça de Deus (cf. Ef 1, 3-14; Lc 1, 28. 47s) e a colaboração mais fiel e decisiva que pode prestar ao homem a vinda do Reino [...]

Maria cumpriu sua missão com a humildade de quem se considera “a escrava do Senhor”, uma simples servidora da vontade divina, sem mais títulos de grandeza que o que Deus realizou nela (cf. 1Cor 3, 5-9; Lc 1,38. 48). Nessa atitude de total despojamento e de confiada obediência à Palavra, ela venceu as tentações idolátricas do ter, do poder e do saber, optando por seguir como Jesus o caminho do Servo, que, paradoxalmente, é o verdadeiro caminho da liberdade e da glória (cf. Gn 3, 5; Mt 4, 3-10; 11, 25-27; Fl 2, 5ss; Lc 1, 51-53).

Deste modo, em Maria, a crente, a Igreja contempla a realização exemplar da fé que vence as ameaças do mal (cf. Mc 16, 17s; 1Jo 5, 5. 18s; 1Pd 5, 8s; Lc 1, 45). Em suas palavras encontra uma fonte inesgotável de inspiração e estímulo para denunciar a maldade do mundo – os ídolos da morte – e anunciar ao mesmo tempo o Deus da misericórdia (cf. Lc 1, 50-54), para interceder ante o Senhor em favor das necessidades dos homens e para convidá-los a escutar o Senhor (cf. Jo 2, 3-5). As palavras



de Maria, compêndio do Evangelho, são úteis par ensinar e repreender, para corrigir e educar na justiça (cf. 2Tm 3, 16). Fruto de um coração evangelizado e libertado, estas palavras foram, ao longo dos séculos e continuam sendo, uma semente de evangelização e libertação. Por tudo isso, a Igreja, espelhando-se em Maria, descobre a imagem mais perfeita de si mesma (“sem mancha nem ruga”, “imaculada”... ) e a viva recordação de sua própria vocação: o serviço do Reino”

(HERNÁNDEZ, 1991, p. 188-192).



---

# MARIA, UNGIDA PELO ESPÍRITO DE PROFECIA E SABEDORIA

ANEXO 13

---



Uma corrente da mariologia atual contempla Maria como mulher profética, chamando a atenção particularmente sobre o Magnificat, ao qual já Paulo VI qualificava como “o canto profético de Maria”. Segundo esta interpretação, em Maria começou a realizar-se aquela efusão do Espírito profético que havia de caracterizar o tempo messiânico e que teve sua plena eclosão no acontecimento de Pentecostes.

Seja como for, a intervenção de Deus que Maria proclama em seu Magnificat (considerado também como “o evangelho de Maria”) lembra muito diretamente a pregação dos profetas da Antiga Aliança e, o que é mais importante, antecipa o conteúdo da pregação inaugural de Jesus na sinagoga de Nazaré e a mesma mensagem das Bem-aventuranças. Da mesma forma que a pregação de Jesus e dos profetas, o Magnificat estabelece uma inseparabilidade entre a causa de Deus e a causa dos pobres, o amor a Deus e o amor ao próximo necessitado. Esta vinculação indissolúvel foi sublinhada por João Paulo II, que vê no Magnificat uma inspirada profissão de fé de Maria:

"A Igreja, acudindo ao coração de Maria, à profundidade de sua fé, expressa nas palavras do Magnificat, renova cada vez melhor em si a consciência de

que não se pode separar a verdade sobre Deus que salva, sobre Deus que é fonte de todo bem, da manifestação de seu amor preferencial pelos pobres e humildes, que, cantado no Magnificat, se encontra depois expresso nas palavras e obras de Jesus”.

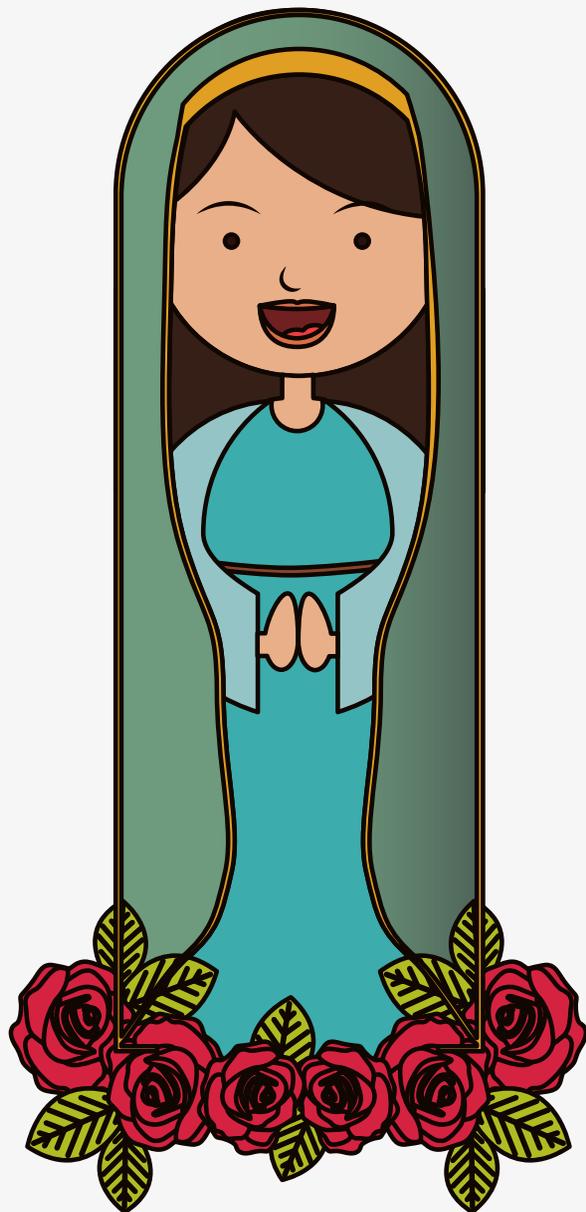
Junto com esta chave profética, outros autores sublinharam os traços sapienciais da imagem lucana de Maria, em referência à ação do Espírito Santo nela. Esta luz é revelada em sua riqueza por numerosos textos evangélicos e especialmente as duas passagens nas quais Lucas sublinha a atividade meditativa de Maria, que lembra e confronta em seu coração as palavras e acontecimentos relativos a seu Filho (cf. Lc 2, 19. 51b). A descrição do evangelista evoca a figura do sábio da Antiga Aliança que rememora os fatos salvíficos de Deus, escuta sua Palavra e perscruta seus desígnios secretos. Porém, com a particularidade de que estes já não se revelam através da natureza ou da Lei, mas na pessoa mesma de Jesus, sabedoria de Deus. Desta maneira, Maria percorre um lento e fadigoso caminho de fé, adentrando-se progressivamente na novidade e na profundidade encerrada no mistério do seu próprio Filho. E deste modo irá identificando-se com sua pessoa, sua missão e seu destino



Como dizíamos, Maria percorre este caminho de fé sob a guia do Espírito Santo. Os profetas haviam anunciado uma futura efusão do Espírito, que levaria a termo a renovação da Aliança, interiorizada no coração. Também Jesus prometeu aos discípulos o Espírito Santo, que lhes recordaria suas palavras e os levaria à verdade plena (cf. Jo 14, 26; 16, 13-15). Esta função do Espírito encontrou em Maria um coração aberto e generoso, ao mesmo tempo lúcido e responsável, como mostrou já em seu primeiro fiat. Por isso o evangelista Lucas a apresenta como modelo de verdadeiro discípulo, que escuta a Palavra, a conserva no coração e dá fruto com perseverança. E assim a encontramos no meio da comunidade apostólica que espera em oração a vinda do Espírito: só com sua presença, a “Mãe do Senhor” é já um testemunho e uma prova eloquente de que Deus cumpre suas promessas”.

(HERNÁNDEZ, 1991, p. 169-172).





---

**MARIA,  
MEMBRO DO POVO  
MESSIÂNICO**

**ANEXO 14**

---



Ainda que se ressalte a singularidade de sua vocação ou a profundidade de sua vivência interior, o Novo Testamento não apresenta nunca Maria como uma pessoa isolada ou ensimesmada, mas estreitamente unida à sorte do seu povo e muito atenta às necessidades dos demais. Como mostra o Magnificat, as grandes obras que Deus realizou nela (cf. Lc 1, 49) não a separam, mas a inserem mais plenamente na história do seu povo, para o qual se sente profundamente ligada e solidária:

“Sua fé está alicerçada na fé de Abraão (cf. Gn 15, 6). Seu fiat (Sim) é prolongamento e culminância da total confiança e abandono com que tantos piedosos israelitas acolhiam a vontade de Deus sobre eles. Seu amor pela “Lei do Senhor” (cf. Lc 1, 38. 48) resume a própria condição do povo de Israel que se reconhece “Servo do Senhor” (cf. Is 49, 3). Seu cântico é eco e síntese de muitas vozes proféticas, é júbilo e agradecimento a Deus porque Ele “acolheu a Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, como o havia prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre” (Lc 1, 54s).

Maria proclama a grandeza do Senhor, não a sua própria. Longe de isolar-se e alegrar-se em seus privilégios, ela se considera a humilde serva do Senhor, porta-voz da esperança dos pobres. E anuncia que todas

as gerações a chamarão ditosa é porque todas são chamadas a compartilhar sua alegria: a Boa Notícia é para todo o povo (cf. Lc 2, 10), para todos os homens em quem Deus se compraz (cf. Lc 2, 14). Em particular, ela antecipa a bem-aventurança dos pobres e famintos (cf. Lc 1, 51-53; 5, 20s) e partilha sua alegria com o povo mais humilde e marginalizado: sua parenta Isabel (cf. Lc 1, 7. 25. 39ss), os pastores (cf. Lc 2, 16-20), os anciãos Simeão e Ana (cf. Lc 2, 25-38), os magos, vindos de longe (cf. Mt 2, 1-12).

Por sua fé, por sua piedade e sua pobreza, Maria faz parte desse resto de Israel que esperava o cumprimento das promessas messiânicas e que agora o viram chegar com imenso júbilo. Porém, esse cumprimento, como já vimos, leva consigo também uma crise. Como Abraão para entrar na terra da promessa (cf. Gn 12, 1), Maria deve também sair de sua pátria e de sua casa, deve romper com os laços familiares e as conveniências sociais, para integrar-se assim à comunidade messiânica, na nova família do Reino que tem a Jesus como promotor e cabeça. Maria, efetivamente, faz parte desta família de Jesus, não pelo fato de tê-lo gestado e amamentado, mas por ser a primeira dos que ouvem a Palavra de Deus e a cumprem.

Na comunidade de Jesus não há lugar para a velha



privilegiados: só há um Pai, o do céu, e um Mestre e Diretor, o Cristo, todos os discípulos são irmãos e o maior entre eles é o servidor de todos (cf. Mt 20, 20-28; 23, 8-12). Paulo chega a dizer que “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, já que todos vós sois um em Cristo Jesus” (cf. Gl 3, 28; Cl 3, 11). Este sentido de unidade, igualdade e fraternidade de todos os crentes em Cristo aparece exemplificado na primeira comunidade cristã dos Atos: “A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que eram seus os bens, mas que tudo era comum entre eles” (cf. Atos 4, 32; 2, 44s). Esta unanimidade se dá já no grupo que espera em oração a vinda do Espírito, onde, para além dos laços naturais de parentesco, todos se consideram irmãos (cf. Atos 1, 14ss). Para Lucas já existe somente uma família, a de Jesus, que está integrada, tanto por seus parentes naturais como por todos os demais: a comunidade cristã.

(HERNÁNDEZ, 1991, p. 178-180).





# **ANÁLISE DAFO**

## **ANEXO 15**

---



A sigla **DAFO**, é um acróstico de **Debilidades** (fatores críticos negativos que devem ser eliminados ou reduzidos), **Ameaças** (aspectos negativos externos que poderão ser um obstáculo na hora de conquistar nossos objetivos), **Fortalezas** (fatores críticos positivos com os quais se pode contar), e **Oportunidades** (aspectos positivos que podemos aproveitar utilizando nossas fortalezas) (DINÂMICAS GRUPAIS, 2018).

Também se pode encontrar em diferentes bibliografias como “Matriz de Análise DAFO”, ou então “SWOT Matrix”, em inglês: SWOT: Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats.

A matriz DAFO é uma ferramenta de análise que pode ser aplicada em qualquer situação, indivíduo, produto, empresa, etc., que esteja atuando como objeto de estudo em um momento determinado do tempo.

É como se fizéssemos uma “radiografia” da situação pontual do particular que se está estudando. As variedades analisadas e o que elas representam na matriz são particulares desse momento. Depois da análise, devem ser tomadas decisões estratégicas para melhorar a situação atual e no futuro.

Depois de ter realizado a primeira análise DAFO, aconselha-se a realizar sucessivas análises periódicas tendo como preferência o primeiro, como o propósito de conhecer se estamos cumprindo com os objetivos estabelecidos em nossa formulação estratégica. Isto é aconselhável, pois as condições externas e internas são dinâmicas e alguns fatores mudam com o passar do tempo, enquanto outros sofrem modificações mínimas.

A frequência destas análises de atualização dependerá do tipo de objeto de estudo e o contexto da análise.

O objetivo primeiro da análise DAFO consiste em obter conclusões sobre a forma como o objeto estudado é capaz de enfrentar as mudanças e as turbulências no contexto (oportunidades e ameaças) a partir de suas fortalezas e debilidades internas.

Para começar uma análise DAFO deve-se fazer uma distinção importante entre as quatro variáveis em separado e determinar quais elementos correspondem a cada uma.

Tanto as fortalezas como as debilidades são internas, por isso é possível agir diretamente sobre elas. Ao



contrário, as oportunidades e ameaças são externas, e só se pode ter uma ingerência sobre elas modificando os aspectos internos.

Vejamos a seguir a descrição de cada um dos termos da sigla DAFO;

- **Debilidades:** são aqueles fatores que provocam uma posição desfavorável, recursos de que se carece, habilidades que não se possui, atividades que não se desenvolvem positivamente, etc.
- **Ameaças:** são aquelas situações provindas do ambiente e que podem ser uma ameaça para a conquista do objetivo.
- **Fortaleza:** são as capacidades especiais com as quais se pode contar. Recursos que são controlados, capacidades e habilidades possuídas, atividades desenvolvidas positivamente, etc.
- **Oportunidades:** são os fatores positivos, favoráveis, exploráveis, que devem ser descobertos no ambiente no qual atua e que permitem obter vantagens

A análise DAFO não se limita somente a elaborar quatro listas. A parte mais importante desta análise é a avaliação

dos pontos fortes e débeis, as oportunidades e as ameaças, assim como a obtenção de conclusões a respeito do atrativo da situação do objeto de estudo e a necessidade de empreender uma ação em particular. Somente com este tipo de análise e avaliação integral do DAFO, se está em condições de responder a interrogantes tais como:

1. Existem pontos fortes internos ou capacidades fundamentais sobre as quais se pode criar uma estratégia?
2. Os pontos débeis não possibilitam buscar certas oportunidades? Que pontos débeis a estratégia precisa corrigir?
3. Que oportunidades podem ser buscadas com êxito mediante as habilidades, capacidades e recursos com os quais se conta?
4. Que ameaças devem ser motivo de preocupação, que movimentos estratégicos devem ser considerados para criar uma boa defesa?
5. A estratégia atual está funcionando bem?
6. Que outras estratégias devemos adotar?

Fonte: disponível em: <<http://www.matrizfoda.com>>; <<http://dinamicasgrupales.com.ar/tecnicas/de-analisis/analisis-foda/>>. Acesso: 24 mar. 2018.



## FILHOS E FILHAS MISSIONÁRIOS DE MARIA

**Ó Virgem e Mãe de Deus!  
Você sabe que somos seus filhos e filhas  
e seus ministros  
formados por Vós mesma  
na forja de sua misericórdia e amor.  
Somos como uma flecha colocada  
em sua mão poderosa.  
Lançai-nos, nossa Mãe  
contra tudo o que se opõe ao Reino de Deus.  
Confiantes em sua proteção  
proclamamos o Evangelho  
com nenhuma outra arma além da Palavra divina,  
com nenhum outro título  
que não seja o de filhos e filhas  
de seu Imaculado Coração.  
Sua, Mãe, será a vitória.  
Amém.**

